FEMINICÍDIO, TECNOLOGIA DE GÊNERO E ESCRITURA FEMININA NA OBRA *GAROTAS MORTAS*, DE SELVA ALMADA

FEMINICIDE, GENDER TECHNOLOGY AND FEMALE SCRIPTURE IN THE WORK GAROTAS MORTAS, *OF SELVA ALMADA*

Shaianna da Costa Araújo[1]
[https://orcid.org/0000-0002-9658-7509]
Algemira de Macêdo Mendes[2]
[https://orcid.org/0000-0002-9253-7088]
DOI: 10.30612/raido.v14i35.12166

RESUMO: Neste artigo propomos conduzir uma análise da obra literária *Garotas Mortas* (2018), de autoria da escritora argentina Selva Almada. A partir das narrativas imbricadas na obra, empreenderemos discussões acerca do feminicídio e de suas raízes históricas e culturais, recorrendo, para tanto, aos estudos feministas promovidos por Perrot (2007) e Muraro (1997). Estabelecendo diálogos com as proposições de Cixous (2017), identificaremos a obra analisada como manifestação da escritura feminina, posto que constrói espaços para a reverberação de vozes até então silenciadas e prega a emancipação do corpo feminino. Traçaremos relações, ainda, entre corpo feminino, gênero, feminicídio e política.

Palavras-Chave: Garotas Mortas. Feminicídio. Feminismo. Tecnologia de gênero.

ABSTRACT: In this paper we propose to conduct an analysis of the literary work *Garotas Mortas* (2018), written by Argentine Selva Almada. From the narratives imbricated in the work, we will undertake discussions about feminicide from its historical and cultural roots, using, to this end, the feminist studies promoted by Perrot (2007) and Muraro (1997). Establishing dialogues with the propositions of Cixous (2017), we will identify the work analyzed as a manifestation of female scripture, since it builds spaces for the reverberation of voices until then silenced and preaches the emancipation of the female body. We will also draw relationships between female body, gender, feminicide and politics.

Keywords: Garotas Mortas. Feminicide. Feminism.Gender Technology.

[1] Pós-graduada em Comunicação Organizacional pela Universidade Estácio de Sá. Mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Piauí.

[2] Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2006), com estágio de doutorado sanduíche em Coimbra-PT (2005). Pós-doutora em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela Universidade de Lisboa. Professora Associada da Universidade Estadual do Piauí/Universidade Estadual do Maranhão,atuando na Graduação e no Mestrado em Letras.

CC BY NC SA

INTRODUÇÃO

A obra literária *Garotas Mortas* (2018), da escritora Selva Almada, focaliza três casos reais de feminicídio registrados na Argentina, na década de 1980. A partir de reflexões sobre política e gênero, Almada estabelece conexões entre as mortes das jovens Andrea Danne, de 19 anos, María Luisa Quevedo, de 15 anos, e Sarita Mundín, de 20 anos – importante destacar que os restos mor cionamos, é uma obra que reúne características próprias do texto jornalístico, em decorrência do marcante cunho documental que permeia todo o trabalho e das atividades investigativas promovidas pela autora.

Apesar de dar destaque a esses três casos específicos, a obra é prolífica em narrativas diversas que abordam a violência de gênero, demonstrando a vulnerabilidade da condição feminina em uma sociedade fortemente marcada pelos regimes autoritários, pela tradição patriarcal e pelo conservadorismo: um contexto em que o corpo das mulheres e meninas ainda é compreendido como propriedade.

Neste artigo, pretendemos analisar a obra *Garotas Mortas* à luz das discussões sobre relações de gênero na literatura, demonstrando que o livro de Selva Almada trouxe importantes contribuições para o movimento feminista, em especial no que diz respeito ao enfrentamento à cultura do feminicídio. Para tanto, recorreremos inicialmente aos estudos feministas que abordam o processo de construção do patriarcado, passando pela história do próprio feminismo. Em seguida, situaremos *Garotas Mortas* no campo da escritura feminina, revelando as conexões entre literatura e corpo, a partir das discussões empreendidas por Cixous (2017) em seu manifesto poético-teórico. Pretendemos, ainda, provar que a obra analisada identifica o corpo feminino como objeto de disputa política, à medida em que localizarmos pontos de convergência com a obra de Davis (2017) e com os conceitos propostos por Lauretis (1994) acerca da tecnologia de gênero.

1 MEU CORPO, REGRAS DELES: O FEMINICÍDIO E A PROPRIEDADE PRIVADA

Os casos relatados em *Garotas Mortas* foram registrados na década de 1980 – como observa a própria autora, quando na Argentina "ainda se ignorava o termo feminicídio". Por isso, não faremos uso desse termo em seu sentido puramente jurídico, já que, naquele país, o assassinato de uma mulher pelo fato de ser mulher só foi tipificado no Código Penal em 2012. Originalmente, o termo foi difundido em 1976, pela socióloga sul-africana Diane E. H. Russel, perante o Tribunal Internacional Sobre Crimes Contra as Mulheres. Meneghel e Portella (2017) esmiúçam as proposições de Russel, esclarecendo que o feminicídio (ou femicídio) pode ser definido como

> (...) terrorismo sexual ou genocídio de mulheres. O conceito descreve o assassinato de mulheres por homens motivados pelo ódio, desprezo, prazer ou sentimento de propriedade. Russel ancora-se na perspectiva da desigualdade de poder entre homens e mulheres, que confere aos primeiros o senso de *entitlement* – a crença de que lhes é assegurado o direito de dominação nas relações com as mulheres tanto no âmbito da intimidade quanto na vida pública social – que, por sua vez, autoriza o uso da violência, inclusive a letal, para fazer valer sua vontade sobre elas. (MENEGHEL, PORTELLA, 2017, p. 3079)

Em *Garotas Mortas*, Almada ratifica essa definição, reconhecendo ainda que o feminicídio é o ponto culminante do *continuum* da violência – seja física ou moral – contra as mulheres. Vejamos:

> Eu não sabia que uma mulher podia ser morta pelo simples fato de ser mulher, mas tinha escutado histórias que, com o tempo, fui ligando umas às outras. Casos que não terminavam com a morte da mulher, mas em que ela era objeto da misoginia, do abuso, do desprezo. (ALMADA, 2018, p. 13)

É a partir dos estudos sobre a história das mulheres e do feminismo que podemos compreender como a cultura patriarcal, para a qual as mulheres são meras propriedades, foi criada e difundida, e como essa cultura opressiva ainda se sustenta nos dias atuais. Muraro (1997) analisa a evolução das sociedades humanas, partindo das comunidades primitivas, nas quais o trabalho se reduzia à coleta e à caça de pequenos animais. Nesses grupamentos, a força física não era considerada fator de preponderância, e as mulheres eram vistas como seres sagrados, por conta da capacidade de engravidar. É durante o neolítico que os homens descobrem que também possuem um papel fundamental na procriação, e assim começam a dominar a sexualidade feminina. Em seguida, com o desenvolvimento da agricultura e o consequente surgimento da propriedade privada, o controle social e individual do homem sobre o corpo feminino se intensifica.

> Aparece então o casamento como o conhecemos hoje, em que a mulher é propriedade do homem e a herança se transmite através da descendência masculina. (...) As mulheres tinham sua sexualidade rigidamente controlada pelos homens. O casamento era monogâmico e a mulher era obrigada a sair virgem das mãos do pai para as mãos do marido. Qualquer ruptura desta norma podia significar a morte. (MURARO, 1997, p.7)

Em *Garotas Mortas,* deparamo-nos com a representação literária da perpetuação dessa cultura de posse e dominação que escraviza o corpo das mulheres, embora ela se manifeste de formas diferentes – e ainda assim, terrivelmente familiares – em épocas mais recentes.

> Essas cenas conviviam com outras menos chamativas: a mãe de uma amiga que não se maquiava porque o marido não deixava. Uma colega de trabalho da minha mãe que todo mês entregava o salário inteiro ao marido, para que ele o administrasse. Outra que não podia visitar a família porque o marido achava que os parentes dela não tinham nível. Outra que era proibida de usar sapatos de salto alto porque isso era coisa de puta. (ALMADA, 2018, p. 37)

Perrot (2007), em seu estudo sobre a história das mulheres, confirma que o casamento, inicialmente concebido como aliança contratual e não como celebração do amor, relega as mulheres a uma posição de subalternidade. Destacamos aqui que as mulheres sequer eram partícipes desse "contrato", já que esse termo pressupõe uma certa equidade entre os interessados; as mulheres, porém, eram "transmitidas" como meros objetos. O papel de sujeito possuidor cabia ao homem, que concentrava diversos "direitos", inclusive – e principalmente – sobre o corpo da companheira.

> A mulher casada é, ao mesmo tempo, dependente e dona-de-casa. (...) Dependente em seu corpo, ele pode receber "corretivos", como uma criança indócil, pelo chefe da

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 35 | p. 304 - 314 | mai/ago 2020

> casa, depositário da ordem doméstica. "Quem ama castiga." Bater na mulher é uma prática tolerada, admitida, desde que não seja excessiva. Se os vizinhos escutam os gritos de uma mulher maltratada, não interferem. "O homem deve ser rei em sua casa." (PERROT, 2007, pp. 47-48)

Pretendemos demonstrar até aqui que a história da violência contra as mulheres – sendo que o feminicídio é o episódio culminante de um processo de degradação e subjugação – é a história de apropriação do corpo da mulher pelo homem, por meio das instituições criadas para sustentar uma sociedade baseada na propriedade privada. Em *Garotas Mortas*, Selva Almada explora essa premissa, trabalhando narrativas que representam o perigo inerente à condição de ser mulher ou menina. A obra literária nos ajuda a compreender que o assassinato de mulheres é uma prática sistemática, não restrita aos casos isolados ou à obra do azar, mas sim o produto de um longo processo de socialização patriarcal.

Tanto é que, embora Almada discorra acerca das experiências vividas pelas mulheres no seio do casamento – tal como citamos acima – os três casos efetivamente investigados por ela se referem a garotas muito jovens, não inseridas no contexto marital. Entre as três protagonistas, apenas Sarita Mundín havia passado por um casamento: uma relação em que o homem, não por coincidência, achou-se no direito de controlar e explorar o seu corpo, obrigando-a a se prostituir para sustentar a casa.

Recorrendo aos aportes teóricos aqui colocados, deduzimos que cada uma das três *Garotas Mortas* de Almada representa uma faceta diferente do terror vivido diariamente pelas mulheres e meninas. Logo no início da obra, a autora relata seu primeiro contato com a história de Andrea Danne, morta em sua própria residência, enquanto dormia, com uma punhalada no coração.

> Eu tinha treze anos e, naquela manhã, a notícia da garota morta me chegou como uma revelação. Minha casa, a casa de qualquer adolescente, não era o lugar mais seguro do mundo. Você podia ser morta dentro da sua própria casa. O horror podia viver sob o mesmo teto. (ALMADA, 2018, p. 12)

Almada se vale do caso de Andrea para desmistificar a noção de que "o perigo está lá fora", demonstrando como a educação castradora e moralista reservada às meninas pode ser hipócrita.

> Os estupradores eram sempre homens desconhecidos que agarravam uma mulher e a levavam para o mato, ou que entravam em sua casa forçando uma porta. Desde pequenas nos ensinavam que não devíamos falar com estranhos e que devíamos tomar cuidado com o Tarado. (...) Nunca ninguém falou que você podia ser estuprada pelo marido, pelo pai, pelo irmão, pelo vizinho, pelo professor. Por um homem em quem você tem toda a confiança. (ALMADA, 2018, p. 36-37)

Já o caso de María Luisa Quevedo, de apenas 15 anos, representa a naturalização do abuso sexual e do feminicídio, demonstrando como uma comunidade pode trabalhar de forma integrada e inconsciente para acobertar esse tipo de violência, principalmente se os homens suspeitos pertencerem a círculos de poder político e financeiro. María Luisa saiu de casa para cumprir sua jornada como empregada doméstica em casa de família, na cidade de Presidencia Roque Sáenz Peña, em 08 de dezembro de 1983. Seu corpo foi encontrado três dias depois, violentado e estrangulado, num terreno baldio. Ninguém foi processado pelo assassinato.

A história de Sarita Mundín remete a uma realidade talvez ainda mais cruel, por estar situada num contexto de miséria e prostituição. Mãe solteira, foi vítima da violência do ex-marido. Foi vista pela última vez ao sair com um de seus clientes, que havia assumido o papel de "protetor", passando a apresentar comportamentos possessivos e igualmente violentos.

Garotas Mortas apresenta em seu bojo várias outras narrativas que corroboram os efeitos nocivos da cultura que fez do corpo da mulher uma posse do homem, processo histórico advindo desde os primórdios das comunidades humanas e que se perpetua até a atualidade. A adolescente sucessivamente estuprada por dois amigos de um pretendente frustrado, como vingança contra "essas vadias que sempre tiram o cu da reta" (p.); a garota morta a facadas pelo ex-namorado obsessivo que não aceitava o fim do relacionamento; o medo que a própria autora relata ter sentido, ao ser assediada por um homem que lhe deu carona.

Embora a violência de gênero, sobretudo no âmbito da família, tenha passado a ser legalmente condenável na sociedade ocidental – na América Latina, até bem recentemente – ainda são generalizadas as práticas que igualam mulheres a objetos, fator que confere aos homens o poder de controlar o corpo, a vida e a morte de mulheres e meninas, tal qual nos alerta a obra *Garotas Mortas*.

Alves e Pitanguy (1982) concordam que a perseguição ao corpo das mulheres teve início com a formação e o triunfo do tabu sexual, para o qual o corpo feminino é uma fonte de malefícios. Muraro (1997) corrobora essa constatação, relacionando a demonização do corpo, também, à sistematização do trabalho: o sexo e o prazer passam a representar o pecado, porque tornou-se necessário domesticar os corpos para as penúrias e as exigências de uma sociedade industrializada.

O genocídio das "bruxas" na Idade Média, assim como os numerosos feminicídios registrados na contemporaneidade, foi justificado e estimulado por essa cultura de perseguição ao corpo feminino. Alves e Pitanguy (1982) observam que não era propriamente a feitiçaria que os inquisidores pretendiam extirpar no fogo, mas sim a própria condição feminina. Do mesmo modo, não é o adultério ou a "desobediência" o que os agressores da atualidade pretendem aniquilar, mas sim a capacidade das mulheres de se colocarem como sujeitos emancipados e dotados de vontade.

2 *GAROTAS MORTAS:* A ESCRITURA FEMININA COMO FERRAMENTA DE REAPROPRIAÇÃO DO CORPO

Vimos no tópico anterior que *Garotas Mortas* aborda as diferentes facetas da violência perpetrada contra as mulheres, mostrando que o feminicídio – ou o sistemático assassinato de mulheres por questões de gênero – é o produto de uma cultura do medo, que coloca o homem no papel de possuidor e a mulher como um objeto a ser domado e possuído. Compreendemos como a história e as instituições sociais muitas vezes legitimaram a violência contra as mulheres, com lastro nessa noção de propriedade.

Mas a obra *Garotas Mortas*, porém, ao tempo em que reconhece e denuncia a existência de um sistema político-ideológico que aprisiona e violenta o corpo das mulheres, cumpre seu papel literário e social de ferramenta emancipadora, inspirando ao movimento, à libertação da escritura feminina. Como interpela Cixous:

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 35 | p. 304 - 314 | mai/ago 2020

> É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre mulher e traga as mulheres à escrita, de onde elas foram tão violentamente distanciadas quanto foram de seus corpos; pelas mesmas razões, pela mesma lei, com a mesma letal finalidade. A mulher precisa se colocar no texto – como no mundo, e na história –, através de seu próprio movimento. (CIXOUS, 2017, p. 129)

Garotas Mortas é um emblemático exemplo de escritura feminina que fala pelas mulheres, e que fala de mulheres para mulheres e para o resto do mundo. Além de se identificar, ela mesma, como voz feminina e potencial vítima da violência retratada nas histórias que narra, Almada traz para a literatura – mais um dos campos de disputa social há tanto tempo dominado pelos homens – as vozes dessas meninas e mulheres que foram desapropriadas de seus corpos e de suas vidas.

> Talvez seja esta a sua missão: recolher os ossos das garotas, armá-las, dar-lhes voz e depois deixa-las correr livremente para onde tiverem que ir. (ALMADA, 2018, p. 34)

Cixous (2017) nos instiga a refletir acerca do problema de uma escritura feminina, sobre a necessidade de que os textos carreguem, sim, as marcas da mulher e da sua sexualidade. Para ela, as escrituras são características, fato que viabiliza a existência de uma literatura masculina necessariamente opressora, e que, por não se reconhecer e não se proclamar como tal, mascara a subjugação das mulheres com os adornos da ficção e com convicções sociais amplamente aceitas, ocultadas e reproduzidas.

A emancipação do corpo e da escritura feminina passa pelo processo de reapropriação da sexualidade, dos territórios mantidos sob sigilo, por meio da relação des-censurada da mulher com suas próprias forças. Cixous dialoga com Almada ao lembrar que as mulheres geralmente são relegadas às sombras da culpa, impedidas de conhecer e explorar o próprio corpo.

> (...) culpada de tudo, todas as vezes: de ter desejos, de não ter; de ser frígida, se ser "quente" demais; de não ser os dois ao mesmo tempo; de ser demasiadamente mãe ou não o suficiente; de ter filhos e de não ter; de amamentar e de não amamentar... (CIXOUS, 2017, p. 136)

Em *Garotas Mortas*, Almada também discute a questão da "culpa" sempre atribuída às mulheres, inclusive nos casos em que elas são vítimas.

> No entanto, naquela semana curta e intensa que marcou sua saída de casa para começar a circular no mundo adulto, o mundo do trabalho fora de casa, María Luisa fez duas amigas: Norma Romero e Elena Taborda, duas moças um pouco mais velhas que ela e mais vividas. Quevedo lhes atribui a culpa de levá-la para o mau caminho. Como se a morte fosse um castigo por algo de errado que ela andava fazendo. (ALMADA, 2018, p. 68)

A culpa é um sentimento que persegue a condição feminina, sobretudo no que diz respeito à relação da mulher com seu próprio corpo. A violação e a morte são representadas como meras consequências da falta de cuidado ou de pudor das vítimas. Essas impressões, de acordo com nossos estudos, também advêm de uma educação castradora, que busca ensinar as meninas a se protegerem e a negarem sua sexualidade. Beauvoir (2009) empreendeu diversas reflexões acerca da alienação entre mulher e corpo/sexo, inclusive discorrendo acerca do sentimento de culpa que é introjetado no espírito da jovem em formação.

> Essas condutas traduzem muitas vezes um nojo pelo desejo sexual, um sentimento de culpa: se tenho tais pensamentos, tais apetites, não valho mais do que uma prostituta, sou uma prostituta, pensa a jovem. (BEAUVOIR, 2009, p. 464)

O nojo pelo corpo feminino está na base da misoginia instituída desde o estabelecimento do tabu sexual, e a misoginia, por sua vez, é o sentimento que está na base da cultura do feminicídio. Se a culpa persegue as mulheres no decorrer das suas vidas – e até depois da morte, como notamos em *Garotas Mortas* – a mãe, como símbolo maior da condição feminina no sistema patriarcal, carrega um fardo ainda mais pesado, em decorrência da forçada aureola de "amor" e "candura" que foi colocada sobre a maternidade. Para Perrot (2007), a função materna é um dos pilares do Estado moderno, e por isso se constitui como fato social, de modo que o controle do corpo e das ações das mães, bem como da natalidade, tornou-se objeto de atuação política. A mãe é ainda mais vulnerável aos julgamentos sociais. Em *Garotas Mortas*, Almada se vale da figura da mãe da Andrea Danne para trazer à tona mais essa discussão sobre gênero:

> Essa imagem horrorizava a todos: uma mãe a quem aconteceu o pior que pode acontecer a uma mãe sentando-se na cadeira do salão de beleza. Esse gesto, que também poderia ser entendido como uma tentativa de se distrair do pesadelo que estava vivendo, foi logo interpretado como um sinal de *culpa*. De uma mãe que tem a filha assassinada esperamos, ao que parece, que arranque os cabelos, que chore desesperadamente, que agite o punho em riste pedindo vingança. Não suportamos a calma. Não perdoamos a resignação. (ALMADA, 2018, p. 80) (grifo nosso)

Cixous propõe a recuperação da figura da mãe, o rompimento do discurso masculino em que ela se engendrou. Para ela, a mulher deve se reapropriar como um corpo sem fim, uma *doadora* que provê sem se aniquilar ou tomar, sem se constituir, como professa a psicanálise, apenas como falta, inveja, recalque e carência. Se, para Cixous, a escritura feminina é uma forma de emancipação do corpo das mulheres, a escritura que foi relegada às mulheres ao longo dos últimos séculos é marcada pela culpa e pela vergonha: é a redação confessional, verificada nos diários secretos. Alerta Cixous:

> Aliás, escreveste um pouco, porém às escondidas. Isso não é bom, mas porque era escondido, tu te punias por escrever, e não ias até o fim; ou, ao escrever, irresistivelmente, como nos masturbamos às escondidas, não era para ir mais longe, mas para amenizar um pouco a tensão, apenas o suficiente para que o demasiado cessasse de atormentar. E, em seguida, logo que gozamos, nos precipitamos a nos culpabilizar – para se fazer perdoar –; ou a esquecer, a enterrar, até a próxima. (CIXOUS, 2017, p. 131)

Tanto Perrot (2007) quanto Beauvoir (2009) confirmam que a escritura das mulheres ficava restrita ao domínio privado. As mulheres, por terem sido relegadas ao ambiente doméstico, existiam fora do espaço público. Seus diários íntimos, que são a um tempo retratos da solidão e consubstanciação da culpa, destinavam-se ao fogo ou ao esquecimento, a mesma aniquilação reservada aos seus corpos. As correspondências, os diários e as autobiografias não são gêneros femininos por excelência, "mas se tornaram mais adequados às mulheres justamente por seu caráter privado" (PERROT, 2007, p. 28). Existem, porém, poucas autobiografias de mulheres publicadas; isso porque as meninas foram ensinadas que suas vidas não significam nada, ou, como

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 35 | p. 304 - 314 | mai/ago 2020

nos lembra Cixous, imaginam que a escrita é reservada aos "grandes-homens": Perrot revela, aliás, que correspondências femininas privadas raramente eram publicadas, a menos quando punham em cena esses tais "grandes-homens". Importante mencionar aqui o fenômeno das mulheres que se publicavam sob pseudônimos masculinos, a exemplo de George Sand.

Por isso, destacamos aqui a obra *Garotas Mortas* como exemplar de uma escritura feminina emancipadora, que dá voz e valor a essas vidas que se extinguiram sem nada representar para o sistema social, político e jurídico que foi construído sobre a demonização do corpo feminino, sobre a pedagogia da culpa e sobre a violência contra as mulheres. A obra literária em comento, mais que revelar o horror contido em crimes específicos, questiona toda a estrutura que possibilitou o estabelecimento da misoginia enquanto componente naturalizado da sociedade atual. Cixous nos ensina que "um texto feminino não pode deixar de ser mais do que subversivo" (CIXOUS, 2017, p. 147). *Garotas Mortas* carrega em seu bojo essa subversão, posto que rompe a herança do silêncio (MOREIRA ALVES e PITANGUY, 1982, p. 11) que assombra a história das mulheres.

3 TECNOLOGIA DE GÊNERO, POLÍTICA E FEMINICÍDIO

A leitura de *Garotas Mortas* nos instiga a pensar em violência de gênero e na condição feminina. De fato, já falamos bastante em violência contra a "mulher", e faz-se necessário descobrir que entidade é essa tão cruelmente violentada pelo sistema patriarcal. De onde vieram as características que tornaram a mulher suscetível a ser objeto da violência e do desprezo? A repetição da história e os numerosos feminicídios registrados desde os primórdios da humanidade nos provam que a subjugação da mulher é produto de um destino biológico irreversível? Os estudos feministas das últimas décadas questionam justamente o que batizaram de "reducionismo biológico", que acarreta a universalização das mulheres – ou seja, produz uma concepção genérica de mulher.

Para Lauretis (1994), o gênero é um fator imaginário que se inclui na diferenciação sexual como efeito de linguagem. O gênero não é uma condição natural, mas sim a representação das relações sociais: o pertencimento a uma classe, a uma categoria, de forma que se atribuam ao indivíduo características que não eram previamente conhecidas.

> Se as representações de gênero são posições sociais que trazem consigo significados diferenciais, então o fato de alguém ser representado ou se representar como masculino ou feminino subentende a totalidade daqueles atributos sociais. (LAURETIS, 1994, p. 212)

O gênero é um atributo socialmente construído, por meio da ideologia, produzindo diferenças sexuais que não existem no mundo natural. Os atributos sociais mencionados por Lauretis se traduzem nos estereótipos destinados às mulheres: a docilidade, a passividade, a subordinação. A escritora contemporânea Chimamanda Ngozi Adichie também questiona o reducionismo biológico:

> Meninos e meninas são inegavelmente diferentes em termos biológicos, mas a socialização exagera essas diferenças. (...) Como a questão de gênero incomoda, as

> pessoas recorrem a vários argumentos para cortar a conversa. Algumas lançam mão da biologia evolutiva dos macacos, lembrando como as fêmeas, por exemplo, se curvam perante os machos. Mas a questão é a seguinte: nós não somos macacos. Macacos vivem em árvores e comem minhocas. Nós, não. (ADICHIE, 2015, pp. 12-14)

Esses arquétipos de passividade e subordinação permeiam o imaginário coletivo e permitiram que as mulheres fossem identificadas como objetos de posse, destituídos de vontade. É importante destacar, porém, que, embora as categorias de masculinidade e feminilidade tenham sido ideologicamente produzidas, essa divisão resulta em consequências no mundo real – e o assassinato sistemático de mulheres é uma delas.

Em *Garotas Mortas*, Selva Almada também discorre sobre a relação entre a generalização das mulheres e o feminicídio. Já que a sociedade entende que todas as mulheres devem reunir determinados atributos, todas as mulheres estão sujeitas à mesma violência: todas as garotas são a mesma garota, e apenas o acaso separa algumas da morte. Por isso, é tão importante compreender o feminicídio como problema social advindo de um processo histórico.

> Faz um mês que o ano começou. Pelo menos dez mulheres foram assassinadas por serem mulheres. Digo pelo menos porque esses são os nomes que apareceram nos jornais, daquelas que viraram notícia. (...) Estamos no verão e faz calor, quase tanto quanto naquela manhã de 16 de novembro de 1986, quando, de certo modo, este livro começou a ser escrito, quando a garota morta atravessou meu caminho. Agora estou com quarenta anos e, diferentemente dela e dos milhares de mulheres assassinadas em nosso país de lá para cá, continuo viva. Apenas uma questão de sorte. (ALMADA, 2018, p. 121)

Davis (2017) chama atenção para o fato de que praticamente todas as mulheres podem recuperar em suas memórias, desde a infância, episódios de assédio e abuso. Ressalta, ainda, que a violência vivida individualmente pelas mulheres deve ser situada no contexto sociopolítico mais amplo, porque a violência de gênero é eivada de mediações sociais.

> Essas manifestações específicas de violência contra a mulher se situam em um espectro mais amplo de violência produzida socialmente, que inclui violações sistemáticas orquestradas contra os direitos econômicos e políticos femininos. (DAVIS, 2017, p. 42)

O contexto de *Garotas Mortas* – a Argentina da década de 1980 – tal como explicitado na obra, denota a situação de um país recém-saído de uma das ditaduras mais sanguinolentas de sua história. E as ditaduras são justamente caracterizadas pela sistemática violação aos direitos humanos, sendo que as mulheres, sobretudo as pobres, são particularmente vulneráveis a essas investidas. Embora o regime de sete anos tenha terminado com a eleição de um novo presidente em 11 de dezembro de 1983, mesmo dia em que o corpo de María Luisa Quevedo foi encontrado – e é imprescindível destacar que Selva Almada faz questão de registrar esse fato na obra – os efeitos de uma ditadura e a cultura produzida em torno dela tendem a permanecer por muito tempo nas malhas das relações sociais.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 35 | p. 304 - 314 | mai/ago 2020

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Garotas Mortas é uma obra literária que cumpre seu papel social, inspirando o movimento e a ação. Ao tempo em que nos lembra que ser mulher é ter medo, estimula ao rompimento da rede de violência, por meio da denúncia consciente e da reflexão sobre o problema de gênero. A obra de Selva Almada possui diversas camadas, igualmente complexas, e por isso suscita tantas discussões.

Primeiro, aborda sem volteios a face mais crua da violência contra as mulheres, expondo realisticamente a misoginia contida na violação do corpo feminino – como na história da adolescente atacada por dois rapazes que utilizaram até uma garrafa para estupra-la. Em seguida, Almada expõe as raízes históricas e culturais das múltiplas violências que culminam no feminicídio, ao discorrer sobre situações em que mulheres são tratadas como posses dos maridos e companheiros, que até mesmo as agridem continuamente, tudo com o conhecimento de comunidades que se mantém inertes. Somos, ainda, convidados pela autora a refletir sobre os contextos políticos que favorecem a violação do corpo da mulher e a usurpação de sua vida.

Embora dominada por imagens chocantes, a obra semeia mensagens de esperança, ao inscrever-se como símbolo do poder da escritura feminina, que é uma prodigiosa ferramenta para reapropriação do corpo e da sexualidade, de modo que as mulheres possam romper os estereótipos de gênero que as relegaram ao papel de objetos possuídos.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, 63 p.

ALMADA, Selva. **Garotas Mortas**. São Paulo: Todavia, 2018.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1982. Coleção Primeiros Passos, n. 20.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CIXOUS, Hélène. O riso da Medusa. In: BRANDÃO, Isabel (Org.). **Traduções da Cultura:** Perspectivas Críticas Feministas. Florianópolis: EDUFAL, 2017. pp. 129-155.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

DELAS.PT. **Feminicídio na Argentina é "vingança contra as mulheres que não se calam".** Disponível em: https://www.delas.pt/feminicidio-na-argentina-e-vinganca-contra-as-mulheres-que-nao-se-calam/ Acesso em 23 jul. 2019.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural**. Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p. 206-242.

MENEGHEL, Stela Nazareth; PORTELLA, Ana Paula. Feminicídios: conceitos, tipos e cenários. In: **Ciência & Saúde Coletiva**, 22 (9), pp. 3077-3086. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/csc/v22n9/1413-8123-csc-22-09-3077.pdf Acesso em 02 ago. 2019.

MURARO, Rose Marie. Breve Introdução Histórica. In: INSTITORIS, Heinrich. **O martelo das feiticeiras**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997, pp. 5-17.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

Recebido em 30/05/2020
Aceito em 03/07/2020